

# Imigração, alimentação e Luteranismo em Blumenau (SC)<sup>1</sup>

Marilda Checcucci Gonçalves da Silva

**Resumo:** O artigo analisa o papel das Sociedades de Senhoras Evangélicas, na formação das mulheres em Blumenau através de uma educação voltada para o conhecimento do que se entendia então como economia doméstica, que incluía culinária, administração da casa, contabilidade, cuidado com crianças.

**Palavras chaves:** Imigração. Alimentação. Luteranismo.

**Abstract:** The article analyses the role of Societies of Evangelical Ladies, in the formation of the Blumenau's women, through an education geared to the knowledge of what was then considered as home economics, which included cooking, home of administration, accounting and care with children.

**Key-words:** Immigration. Food. Lutheranism.

*Marilda Checcucci Gonçalves da Silva.* Doutora em Educação pela UNICAMP – Atuação em Antropologia rural. Profa. Da Universidade Regional de Blumenau.  
marildacheccucci@hotmail.com

<sup>1</sup> Texto recebido: 08/09/2008.  
Texto aprovado: 10/12/2008.

## Introdução

A invisibilidade do papel da mulher no desenvolvimento da região de Blumenau, vista como obra do “esforço empreendedor” dos empresários, tem sido apontada na literatura catarinense sobre esse tema, omitindo a expressiva participação das mulheres nos fazeres e saberes locais. Apesar disso, é significativa essa participação, não somente no trabalho doméstico, como também em boa parte do trabalho considerado produtivo<sup>2</sup>.

A importância da família para o colono, especialmente o fato de ter uma mulher, aparece em inúmeros relatos de cartas de colonos dirigidas à Alemanha nos primórdios da colonização. O próprio fundador da Colônia, o Dr. Blumenau, em carta de orientação<sup>3</sup>, dirigida àqueles que pretendiam imigrar para o Brasil, procura alertá-los de que: “...o emigrante que trabalha na terra, necessita o auxílio de uma mulher e boa dona de casa (...) uma esposa aqui é tão necessária como o pão de cada dia”, também para que procurassem “... trazer uma esposa com prendas domésticas e que não seja habituada às cidades grandes”.

Em pesquisa anterior, onde estudei os impactos promovidos com a vinda de famílias imigrantes de origem européia (alemã, italiana e polonesa) sobre a produção de alimentos e a culinária da região do Médio Vale do Itajaí<sup>4</sup> (SC)<sup>5</sup>, constatei, que as mulheres de origem pequeno burguesa cidadina, que acompanharam seus maridos nos primórdios do processo de povoamento da Colônia Blumenau, já traziam consigo toda uma cultura voltada para os cuidados domésticos, compreendendo aquilo que se costumava chamar na Alemanha da época por *Economia doméstica*, e que incluía desde a culinária, a administração da casa, a contabilidade até a criação de animais

Esse é o caso da escritora Therese Stutzer<sup>6</sup>, mulher pertencente à pequena burguesia alemã e que acompanha seu marido à colônia Blumenau, na

<sup>2</sup> WOLFF, Cristina Scheibe. *As mulheres da Colônia Blumenau – cotidiano e trabalho (1850-1900)*, São Paulo:PUC, 1991. Dissertação de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 8-17.

<sup>3</sup> Carta escrita por Dr. Blumenau ao Superintendente de Lichtenburg – Braunschweig – 12 de dezembro de 1853, tradução de Edith Sophia Eimer. Arquivo Histórico de Blumenau.

<sup>4</sup> O Médio Vale do Itajaí é formado atualmente pelos municípios de Blumenau, Indaial, Timbó, Rodeio e Acurra, criados a partir dos desdobramentos da Colônia Blumenau, mantendo ainda hoje, entre a sua população, uma maioria de descendentes dos colonos imigrantes. A imigração européia na região do Médio Vale do Itajaí ocorreu sob a forma de colonização, através da introdução de famílias camponesas, iniciando-se com as de origem alemã, com a fundação da então Colônia Blumenau, pelo Dr. Hermann Blumenau, em 1850, posteriormente com as de origem italiana, localizadas na periferia da colônia, a partir de 1875. Os poloneses, em menor número, ingressarão por último. Essas famílias imigrantes foram assentadas na condição de pequenas proprietárias, à semelhança de outras regiões do sul do Brasil, voltadas para a produção da subsistência

condição de esposa. Sua carta de 29/05/1886, enviada a parentes da Alemanha, evidencia que já trazia na sua bagagem um grande conhecimento culinário. Therese havia, quando ainda estava na Alemanha, substituído a sua madrastra no serviço doméstico, cuidando do próprio lar durante um longo tempo, pelo fato de sua madrastra, por motivos de saúde, ter ficado impossibilitada de fazer esse tipo de serviço. Até a idade de 16 anos, Therese frequentou, em Hanôver, um instituto superior para senhorinhas, até seu casamento com o também escritor e pastor Gustav Stutzer, com o qual veio para a colônia Blumenau.<sup>7</sup>

Trouxe consigo um exemplar de um *livro de receitas*, que era o *best-seller* da sua época, dele se utilizando para cozinhar, já nos primórdios da sua vida na Colônia Blumenau, como se pode depreender do trecho que se segue:

Falando em café! Retorno à cozinha e é para lá que quero levar-te, para que vejas nosso forno. Agora já posso cozer pão de milho! Mas, derramei algumas lágrimas até aprender a fazê-lo, porém precisei empenhar-me muito. Estou me sentindo orgulhosa pela minha habilidade e já posso me impor como professora diante das minhas filhas. Esse pão é feito com levedura e nós juntamos farinha de trigo para se tornar uma massa mais leve. Muitos colonos adicionam cará, um tubérculo semelhante à batata-inglesa. Às vezes, adiciono cominho, pois melhora o paladar. Para Gustav, preparo pão de trigo, pois o milho não lhe faz bem. E como ele gosta de doçura. Sou uma dona de casa bem esbanjadora, pois aqui, os ovos e o açúcar são baratos. Pelo Davidis, preparo coisas maravilhosas. Os Baisers (suspiros) ficam excelentes. Para cobertura do doce uso laranja, pêssego e banana. Estou tão orgulhosa com tudo que aprendi! Ter um forno nos fundos da casa é tão necessário quanto um na cozinha. Nada se conserva por muito tempo, nem o pão de milho, porque o bolor aparece em tudo. Podemos adquirir o pão do leiteiro que passa diariamente, ele o distribui de várias padarias. Todas as manhãs um padeiro passa diante de nossa casa levando sua mercadoria até Badenfurt. Mas atualmente somos treze pessoas e por isso este pão se torna caro, não sendo tão gostoso quanto aquele que assamos<sup>8</sup>.

O livro por ela mencionado, o *Davidis*, foi editado na Alemanha, na segunda metade do século XIX, tendo sido publicado por Henriette Davidis, considerada a mais famosa cozinheira e autora de livro de culinária

através da utilização do trabalho familiar, formando grupos etnicamente homogêneos, com características próprias que os diferenciam de outros grupos camponeses do país. Os colonos foram assentados em lotes coloniais. A exploração agrícola deu-se através da policultura. Anteriormente a essa ocupação, a região era ocupada por populações indígena, cabocla e luso-brasileira

<sup>5</sup> A autora.

<sup>6</sup> Therese Stutzer nasceu em 14 de maio de 1841, em Ilsenburg, no Harz, Alemanha. Seu pai era um famoso artesão em ferro, tendo sido o construtor da usina siderúrgica de Ilsenburg, até hoje existente. Seu irmão, professor Walter Schott, foi um renomado escultor em Berlim. (HUBER, Valburga (organização, tradução e introdução). *Marie Luise / Therese Stutzer*. Blumenau: Cultura e Movimento, 2002, p. 27).

<sup>7</sup> *Idem*.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 99.

clássico da Alemanha. A cultura culinária alemã é decisivamente marcada, nessa época, através da publicação de seus livros de receitas e de suas orientações às donas-de-casa. Em seu *Die Hausfrau* (A Dona de Casa), ela aborda, além da culinária, outras áreas da administração da casa, constituindo o que se conhece pela chamada *Economia doméstica*, que incluía na sua época, além da culinária, outras áreas de administração da casa, indo da contabilidade à criação de animais. A primeira edição do seu livro de culinária *Praktisches Kochbuch für die gewöhnliche und feinere Küche* (Livro de Culinária Prático para cozinha trivial e fina) foi publicada em 1844/45 e teve, até o ano de 1963, pelo menos 76 edições publicadas, em várias línguas. Até o início do século XX, um grande número de livros de culinária citava e utilizava o *Davidis* como referência<sup>9</sup>.

Em Blumenau, encontramos uma figura muito próxima à de Henriette, que, embora não tenha publicado nenhum livro de receitas, desempenhou um papel similar, na cidade de Blumenau, como conselheira das donas-de-casa, da pequena burguesia local, ajudando-as a se tornarem boas donas-de-casa, ideal feminino da época. *Frau Kieckbusch*<sup>10</sup> aprendeu a cozinhar trabalhando na casa de um pastor, através de um livro de receitas de origem alemã, pertencente à esposa do pastor. Segundo sua filha, na época era comum que algumas moças da cidade, antes de casar, ficassem algum tempo com uma família de *bons tratos*, como se fosse sua filha adotiva:

Antigamente, era assim, uma moça, antes de casar, ela ia numa casa quase como doméstica, fazia todo o serviço, cozinava, aprendia, e ela foi para a casa de um pastor, daí ela aprendeu as receitas. Ela sabia tudo, e as senhoras jovens que casavam e que não entendiam muita coisa, elas vinham se aconselhar com a nossa mãe. Ela era conhecida por todo mundo (...) não é propriamente empregada. No alemão a gente diz “Haustochter”, que quer dizer “filha adotiva”<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> Disponível em: [http://de.wikipedia.org/wiki/Henriette\\_Davidis](http://de.wikipedia.org/wiki/Henriette_Davidis). Acesso em: 15 de abril de 2006.

<sup>10</sup> Vinda da Saxônia (sul da Alemanha), casa-se com o filho de uma família também imigrante. O marido veio da Pomerânia, norte da Alemanha, em 1924, juntamente, com o pai (por recomendação médica), professor de Biologia, a mãe e mais dois irmãos.

<sup>11</sup> Érica Kieckbusch, entrevista realizada em 20/12/2005.

Esse papel também foi desempenhado por freiras luteranas. Segundo Érica Kieckbusch<sup>12</sup>, em Novo Hamburgo (RS) elas tinham uma casa grande, onde moças de Blumenau iam fazer curso de *Economia Doméstica*, lá permanecendo por um ou dois anos. Para caracterizar esse tipo de pessoa comumente encontrada entre as famílias da pequena burguesia de Blumenau, utilizava-se localmente a palavra *Haustochter*, correspondendo à figura da pessoa que trabalha na casa de uma família fazendo todo tipo de serviço, sendo que, em contrapartida, a família ficava responsável por mantê-la. Esse exemplo serve para ilustrar a importância da *Economia Doméstica* no cotidiano das famílias da pequena burguesia em Blumenau, ainda em meados do século XX. Também em Blumenau, de 1929 até 1932, funcionou uma “Escola de Economia Doméstica”, por iniciativa do grupo de Senhoras Evangélicas da Comunidade Blumenauense.

Esse saber desenvolvido e conservado pelas mulheres da pequena-burguesia, juntamente com aqueles desenvolvidos pelas mulheres colonas, será responsável pelo grande número de estabelecimentos comerciais, dedicados ao setor de alimentos, até hoje presente na cidade de Blumenau. Entre os colonos, junto aos quais a culinária estava mais restrita ao seu *nicho ecológico*, surgiu a indústria de laticínio e salsicharia<sup>13</sup>. Também no comércio foi o conhecimento desenvolvido e adaptado pelas mulheres que daria origem a vários estabelecimentos comerciais, incluindo-se a Confeitaria, onde o saber sofisticado das mulheres da pequena burguesia estaria presente. Desse modo, a mulher, em muitos casos, responsabilizou-se, direta e indiretamente, pelo sucesso econômico de suas famílias<sup>14</sup>. O surgimento das Confeitarias em Blumenau data do início do século XX e, através das trajetórias femininas, constatou-se que, por trás delas, sempre se encontram o saber e o trabalho da mulher.

Por outro lado, observou-se que esse contexto aqui se reproduziu, graças principalmente à atuação e aos

<sup>12</sup> *Idem*.

<sup>13</sup> Queijos e salames foram inovações introduzidas no cardápio brasileiro incorporados através de italianos e de alemães, não sendo casual o fato de frigoríficos operarem hoje quase todos no Sul do Brasil. A suinocultura foi uma atividade econômica muito importante entre imigrantes alemães e italianos, desde seu estabelecimento no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina no século XIX: a produção de banha era uma das atividades mais rendosas nas colônias alemãs. Alimentos à base de carne de porco consumidos no Brasil são, em parte, de origem alemã e italiana (SEYFERTH, 1990: 70). O uso de banha com açúcar mascavo em cima do pão era muito consumido e apreciado entre os colonos.

<sup>14</sup> Entre os estabelecimentos comerciais que foram objeto de pesquisa, incluem-se a Casa Kieckbusch, a Confeitaria Herr Blumenau, a Confeitaria Glória, o Restaurante Saint-Peter, a Confeitaria Tia Hilda, a Confeitaria Socher e a Confeitaria Tönjes.

ensinamentos das mulheres dos pastores luteranos, que foram enviados para a região, com a finalidade de dar assistência religiosa aos imigrantes, ou mesmo ao papel desempenhado por freiras luteranas (diaconisas) na formação das mulheres em Blumenau, principalmente no período que vai da criação da Colônia até o processo de nacionalização do ensino, que ocorre, por volta de 1937.

### **A Escola de Economia Doméstica em Blumenau**

De acordo com PISKE, In: Meinrad Piskeem, 1925:

a Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau, começou a estudar a conveniência de organizar uma escola de economia doméstica. Esta escola deveria ter um curatório formado por sete senhoras, duas da diretoria da Comunidade Evangélica, uma da diretoria da Escola Alemã e quatro da Sociedade Evangélica de Senhoras. Foram nomeadas Elsbeth Koechler, Hedy Hering, Gertrud Gross e Elsbeth Feddersen. A Sr. Girulat foi solicitada a entrar em contato com a professora, por ela indicada, sobre a disposição de assumir a direção, estipulando-se o valor do ordenado em 400\$000 (quatrocentos mil réis), além de moradia e alimentação. Foi também estabelecido o prazo de quatro anos, após os quais lhe seria pago a passagem de volta à Alemanha. No fim deste mesmo ano realizou-se um *Bunter Abend*, uma noite artística, cujo resultado financeiro de 2:200\$000 (dois contos e duzentos mil réis) foi destinado à aquisição de móveis para o pensionato de moças. Já em janeiro do ano seguinte, a escola começou a funcionar e moças de Blumenau e de outras cidades de Santa Catarina, e até de outros Estados, a freqüentaram.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> PISKE. P. In: Meinrad (Org.). *Centenário Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau: 1907-2007*. Blumenau: O Kuhr, 2007, p.28.

<sup>16</sup> Fragmentos de nossa história local. In: *Blumenau em Cadernos*, Tomo XLII – n. 5/6 – maio/jun. – 2001, p. 47.

Na escola, foi “introduzido o ensino tanto teórico quanto prático em todos os ramos da administração feminina”<sup>16</sup>, de acordo com referências publicadas a

partir do *Volkskalender* de 1933. Estas escolas se encontravam vinculadas ao pensionato evangélico de moças, que fazia parte do trabalho social, de cunho educativo voltado para a formação da mulher luterana em Blumenau. As aulas eram administradas por três professoras trazidas da Alemanha, que também residiam no pensionato que abrigava as moças que nele iam fazer curso como internas, podendo à semelhança da escola de Novo Hamburgo (RS) durar de um a dois anos.

Estas escolas foram criadas pelas “Associações de Senhoras” ou “Frauenverein”, fundadas em Blumenau no ano de 1907. No dia 2 de setembro, a convite de Mildred Mummelthey, a “Frau Pastor” ou esposa do pastor Walter Mummelthey, reuniram-se algumas senhoras na casa pastoral, com essa finalidade. Ela tinha sido enfermeira da Cruz Vermelha da Inglaterra antes de se casar com o Pastor Walter Mummelthey e vir com ele para o Brasil. Na pauta da reunião, do dia 2 de setembro de 1907 estava a proposta de fundar, a exemplo do que estava acontecendo na Alemanha, uma associação de mulheres com a finalidade de cuidar de pessoas pobres e doentes. A “Frau Pastor” conhecia a situação social de Blumenau e das pessoas pobres e doentes que necessitavam ajuda.<sup>17</sup>

O “Frauenverein”, surgiu em decorrência da revolução francesa e da “declaração dos direitos da mulher”, sendo o primeiro programa político associado aos movimentos de 1848 surgido na Alemanha e que haviam sido precedidos por equivalentes na França e na Inglaterra: “Defendia-se o ideal de educação para a mulher que a capacitasse ao trabalho econômico e espiritual auto-suficientes, fundamentado em ideais sociais e nacionais.”<sup>18</sup>

Em 1865 foi fundada em Leipzig a “Liga Alemã de Associações de Mulheres” ou “Allgemeiner Deutscher Frauenverein”. Seu programa começava com o estímulo “ao trabalho feminino”, declarando que o trabalho devia ser “o fundamento da nova

<sup>17</sup> PISKE. P. In: Meinrad (Org.). *Op. cit.*, p.9.

<sup>18</sup> RENAUX, Maria Luiza. O papel da mulher no Vale do Itajaí: 1850–1950. Blumenau: FURB, 1995, p.195.

sociedade, como direito e honra do sexo feminino e por isso defende o direito a ele e a necessidade do afastamento de todos os obstáculos ao trabalho feminino”. Durante a guerra a “Liga Alemã de Associação de Mulheres” voltou-se para o Estado. Em decorrência disso, “valorizou o trabalho doméstico tradicional da mulher, equiparando-o às atividades exercidas pelos homens no mercado de trabalho. A maternidade espiritual da profissional era ressaltada, o que equivalia a delimitar o campo de ação da mulher às profissões de caráter social.”<sup>19</sup>

<sup>19</sup> *Ibidem*, p.195.

Esse aspecto fica evidente, na escola feminina em Blumenau. Em seus reclames na imprensa, o pensionato divulgava que as moças receberiam educação, que as preparariam para as “profissões” de “dona de casa” e “mãe”, e assim estariam “aptas para gerenciarem as questões sociais da atualidade e o sentimento de responsabilidade perante a sociedade”<sup>20</sup>. Vemos portanto que os papéis de mãe e dona de casa eram considerados como profissões. Essa situação tinha a ver com o contexto da época, uma vez que ter filhos tornara-se importante, principalmente devido às perdas sofridas pelo exército, além de não significar uma concorrência com os homens no mercado de trabalho. Por isso mesmo a ênfase no trabalho social era ressaltada<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> *Blumenau em Cadernos.Op. cit.*, p. 49)

<sup>21</sup> RENAUX, Maria Luiza. *Op. cit.*, p.195.

Em 1886 é fundado em Berlim o “Lette-Verein”, “Associação Lette”, que iria se dedicar exclusivamente à profissionalização da mulher e o “Frauenverein” pátrio, cuja cabeça mais tarde seria a própria Kaiserin, a imperatriz da Alemanha. Neste país o “Frauenverein”:

pele fato de estar ligado às batalhas da unificação alemã e de fundação do império, teve um cunho mais conservador e voltado para o cuidado com os doentes de guerra. O que estava em questão nele não era a luta pela emancipação da mulher, em cujo espírito, no entanto, todas as sociedades femininas daquele tempo haviam nascido.<sup>22</sup>

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 195

Ainda assim, irá crescer a educação das filhas da burguesia para o magistério e o movimento em favor da profissionalização feminina nas décadas que antecederam a Primeira Guerra. Em 1889 a associação de profissionais femininos da pequena e média burguesia, “Frauenwohl”, “Bem-estar das Mulheres” já contavam com 500 membros, da mesma forma que era crescente o número de mulheres participantes do “Kaufmaennischer Verband für weibliche Angestellte”, “Associação das Funcionárias do Comércio”, fundada em 1903. Ao lado destas surgiram associações para estenógrafas, telégrafas, etc, profissões ocupadas quase sempre por mulheres.<sup>23</sup>

Em Blumenau o “Frauenverein” ou a Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau, como passou a se chamar depois, foi fundada em 2 de setembro de 1907, no aniversário da cidade, por sugestão da esposa do pastor Mummelthey, Mildred, anteriormente enfermeira da Cruz Vermelha inglesa. Sua finalidade principal consistia “na assistência às pessoas carentes e aos doentes”. Elsbeth Schrader Koehler, mulher inteligente e decidida, casada com Arthur Koehler<sup>24</sup>, fundador do jornal “Der Urwaldsbote”, foi escolhida presidente da instituição. “Elsbeth Koehler, que em casa, à noite gostava de ocupar-se em ‘tirar a raiz quadrada, praticar álgebra e até estudar grego’, mostrou-se a pessoa ideal para o cargo, no qual permaneceu durante 40 anos, sendo substituída pela filha Hertha Hildebrand, que ficou mais 26”<sup>25</sup>. Além de Blumenau surgiram “Frauenverein” em Brusque e Itajaí. Em Brusque foi criado no ano de 1908, tendo sido obras do “Fraunverein” a fundação de um jardim-de-infância e a construção de uma maternidade, para a qual tiveram como patrono o cônsul Carlos Renaux. Na década de 30, do séc. XX, o “Frauenverein” patrocinou a vinda da Alemanha de uma parteira profissional, “Schwester” “Margarethe Spieweck”.

O ‘Frauenverein’, ou a depois chamada Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau possibilitava

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 195.

<sup>24</sup> Arthur Koehler veio para Blumenau aos 17 anos, a pedido de seu tio, Hermann Hering, proprietário da fábrica de malhas com o seu nome. Arthur era filho irmão de Hermann Hering e trabalhara na malharia dos pais em Dresden. Incondicionalmente apaixonado pela nova terra, pretendia desenvolver a cultura da região nos moldes do “Deutchum” e em nome desse ideal fundou seu jornal o “Der Urwaldsbote”. Era também professor de ginástica no “Turnverein” ou “Escola de Ginástica” que, em última instância, também tinha por finalidade promover a germanidade. Tratava-se de um estabelecimento de banho que funcionava no Rio Itajaí, que corta o centro de Blumenau e que na época possuía águas límpidas. Sobre um grande trapiche de madeira “foram construídas seis cabines para trocar de roupa e uma espécie de piscinas delimitadas por divisões de madeira, onde os iniciantes aprendiam a nadar. No bairro conhecido por Altona havia outro estabelecimento de banho junto ao rio e também outra divisão do “turnverein” de Blumenau, onde se preparavam atletas para competir com os do centro da cidade. (RENAUX, 1995. *Op. cit.* p.198-99)

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 197.

também à mulher sair mais vezes de sua casa e a formar círculos de amizade, “Kraenzchen”, em que, a pretexto de auxiliar o próximo costurando roupa e bordando para os bazares beneficentes, se punha em dia a conversa nas dependências do teatro Frohsinn<sup>26</sup> – local inicial dos encontros – e se ouviam trechos da literatura alemã apresentados por Johanna Hering Poettig.<sup>27</sup>

<sup>26</sup> Teatro Carlos Gomes após o processo de nacionalização.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 197.

Segundo Maria Luiza Renaux:

Enquanto nos Estados Unidos, país que saiu vitoriosos da Guerra, as novas funções assumidas pelas mulheres e o novo currículo escolar elaborado para elas diziam respeito à sua independência pessoal, isto é, à escolha de um destino calcado na aptidão pessoal, independente das possibilidades que lhe abrissem o casamento e a criação de filhos, na Alemanha, sob o Kaiser, que perdera a Guerra, já desde os tempos da unificação da nação a atuação feminina ligava-se à beneficência, motivada pelas grandes baixas sofridas pelo exército alemão. Sob qualquer uma das formas, o ensino teve de preparar as moças para seus novos papéis fora de casa. Como a cúpula dirigente prussiana, isto é, o Kaiser e o Kaiserin, eram de confissão luterana, foram as comunidades dessa confissão que fundaram os “Frauenvereine”, mais as “Frauenshule”, as “Hoeheren Toechterschulen”, o “Lette-Verein”, uma escola profissionalizante, voltadas à educação das moças, com ênfase na cultura e na economia doméstica, mas algumas delas, como a última, voltadas para a formação prática.<sup>28</sup>

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 198.

Entretanto, a ênfase na profissionalização das mulheres, mostrava o seu lado perverso, já que eram os interesses do contexto político e econômico que estavam a exigir a sua presença, dentre os interesses próprios de cada país. A ênfase na profissionalização irá se mostrar uma escolha eficaz, pois o número de mulheres profissionais passou de 9,5 milhões antes da Guerra a 15 milhões no terceiro ano do conflito<sup>29</sup>.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 198.

A formação dessas escolas aconteceram porque o

“Allgemeiner Deutscher Frauenverein” havia se empenhado na luta pelo estudo e profissionalização da mulher em níveis mais elevados e em campanha junto aos tribunais e governos comunais para que as instituições de ensino existentes também se abrissem ao sexo feminino e que também se criassem institutos de ensino especialmente dirigidos a elas, a fim de dar-lhes formação superior e maior capacitação à vida profissional<sup>30</sup>

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 200.

Blumenau não irá ficar alheia a esse chamado e na antiga moradia da família Hering, no bairro do Bom Retiro, junto à fábrica de malhas, irá se fundar uma “Frauenshule”, “Escola de Mulheres”, para “informar e aprimorar a educação das moças do lugar”<sup>31</sup>. Do seu currículo fazia parte História da Arte, Geografia, Música e Culinária e sua ênfase era no aprimoramento das virtudes domésticas, capacitando simultaneamente as jovens nas profissões que já se admitiam então para as mulheres, como a de “Hauslehrerin”, “professora particular”, normalmente de pintura ou de música ou de jardim-de-infância. Para ensinar as moças da burguesia blumenauense, três professoras vieram da Alemanha, e passaram a lecionar não apenas na “Frauenshule”, mas também na “Escola Alemã” da cidade.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 201.

Quanto às diretrizes do ensino, havia polêmica, que fica evidente no trecho que se segue, onde a grã-duquesa de Baden faz valer seu ponto de vista:

O lidar na sala e cozinha em boa parte contribui para o bem-estar da família. A juventude feminina, porém, com muita freqüência vai atrás do ganho e se descuida do preparo para o seu principal encargo na vida. Sua majestade real, a Grossherzogin (a grã-duquesa) no seu incansável zelo procura também auxiliar neste sentido e sob o seu estímulo surgiu também aqui uma ordem para que se privilegiasse, em lugar da extensão dos estudos, as aulas de administração doméstica<sup>32</sup>.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 201.

Mesmo para as moças que optavam por seguir os estudos, o que se procurava atender não era sua independência, em primeiro plano, situação que perdura até mesmo depois da Segunda Guerra Mundial. Ao explicar a razão de ter mandado suas filhas estudarem nos Estados Unidos, Erich Bueckmann argumenta:

um homem culto e aberto às novidades do seu tempo e que vira de perto as mudanças naquele país, de onde a fábrica Renaux passou a importar suas máquinas, sob sua responsabilidade (ele era engenheiro mecânico), foi bem claro na questão da finalidade do estudo das mulheres. A educação, segundo Erich, servia para que as filhas fossem livres, a liberdade vista como sinônimo de independência da casa dos pais. A grande preocupação era de que elas pudessem viver pelo esforço próprio, que se sustentassem “pelo conhecimento, pela educação” (pelo menos até o casamento, durante o qual a filha mais velha de Erich, casada com um industrial de Joinville, não trabalhou). Trata-se de independência econômica, um primeiro passo – “vira-te” é a palavra de ordem -, mas não de independência psicológica – “seja feliz”, uma conquista posterior. Tampouco é de pensar que com o seu aprendizado as mulheres dispusessem de forma independente do dinheiro. Ganhá-lo era função ainda do pai ou do marido, cabendo à mulher ter talento para bem empregá-lo.<sup>33</sup>

<sup>33</sup> *Idem.*

### **A formação das mulheres nas escolas femininas em Blumenau**

Nas “Frauenshule” de Blumenau, as disciplinas educativas em geral eram comuns aos dois cursos, o da “Escola de Senhoras” e “Escola de Economia Doméstica” porém, o conteúdo da “Escola de Senhoras” era “mais aprofundado e mais extenso”. Apenas às alunas “senhoras” eram ministradas as aulas de educação, psicologia e metodologia do jardim-de-

infância, apoiadas por atividades práticas com os pequenos do jardim da Escola Nova<sup>34</sup> e do Johannastift<sup>35</sup>. As aulas habilitavam as alunas a se tornarem professoras de jardim-da-infância, porém, de acordo com o texto do *Volskskalender* seu principal objetivo não era esse mas “ajudar à aluna no desenvolvimento primordial da sua feminilidade, da felicidade espiritual e do seu sentimento maternal”<sup>36</sup>.

O plano de aula era constituído da seguinte forma:

a) Matérias específicas: História da Arte; Literatura; Psicologia; Pedagogia; Método do Jardim de Infância; História da Igreja; Estudo Social do Brasil; Conversação em português; Ensino de Saúde; Estudo de Arte doméstica; Ensino de Comportamento.

b) Matérias Técnicas: Canto; ginástica e jogo; bordado, costura, cerzimento, agilidade manual, etc...

c) Trabalho prático: Todos os trabalhos domésticos, cozinha, tratamento da roupa, arrumação em geral, etc. jardinagem e atividade de jardim de infância.

As aulas de música eram ministradas, porém os valores desta não estavam incluídos na mensalidade.

Ao apreciar o conteúdo ministrado nas “Escolas de Mulheres”, percebe-se que se de um lado elas apontam na direção da formação de uma boa dona-de-casa e mãe, de acordo com os valores da época, por outro ele faz jus à própria formação luterana. Isso fica claro nos “Fragmentos” do *Volskskalender*, onde se expressa que sua finalidade era a “formação da juventude feminina”, que através do aprendizado do seu papel como esposa e mãe estariam aptas para “gerenciarem as questões sociais da atualidade” e o “sentimento de responsabilidade perante a sociedade”<sup>37</sup>.

De acordo com o PISKE In: Meinrad, a Irmã Superior da Casa Matriz de São Leopoldo, Ruthild Brakemeir, fez uma breve análise em sua tese de mestrado sobre o papel desempenhado pelas diaconisas:

<sup>34</sup> A Neue Deutsche Schule, depois Colégio Santo Antônio, foi criada em 01/05/1889, sob inspeção do pastor Faulhaber, enviado pelo conselho Superior de Berlim para suceder ao pastor Heinrich Sandrezcki, transferido para a cidade de Buffalo nos Estados Unidos. (KLUG, 1997, p.126e 129).

<sup>35</sup> Maternidade fundada em 1909, com a doação de um terreno feita por Johanna Hering Poettig, daí o nome, que significa “doação de Johanna”. Para a sua criação vieram da Alemanha duas irmãs pertencentes à Sociedade de Diaconisas de Zehlendorf, por iniciativa da Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau ou “Franuenverein”.

<sup>36</sup> In Pensionato evangélico de moças-estatuto da escola de parteiras de Blumenau. *Blumenau em Cadernos*, n. 05-06, maio/jun., 2001, p. 48.

<sup>37</sup> *Idem*, p.49.

constantando que as diaconisas também influenciaram culturalmente a vida brasileira. Apesar de terem estado em poucos lugares, o contato de jovens senhoras com as diaconisas fez com que certos aspectos de sua cultura fossem assimilados. O amor à ordem e ao asseio, assim como a habilidade de ter instalações bonitas e confortáveis tinham grande irradiação. A piedade das irmãs se expressava no canto, na regularidade das meditações e no festejo do ano eclesialístico. A saudade de sua pátria fortalecia nas irmãs a necessidade de festejar o Natal e a Páscoa, com muitos enfeites, o que auxiliou a estabelecer tradições no Brasil.<sup>38</sup>

<sup>38</sup> PISKE, P. In: Meinrad (Org.). *Centenário Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau 1907-2007*. - Blumenau: O.Kuhr, 2007, p. 27.

### **O modelo ideal de mulher em Blumenau**

Durante o período analisado em Blumenau, as qualidades requeridas para uma esposa, ligavam-se à idéia de “conforto doméstico” trazida da Europa e aos “valores morais e religiosos” dos imigrantes, sendo a grande maioria da população em Blumenau formada por protestantes luteranos. O trabalho como atividade e como princípio ético, era um componente fundamental na vida das mulheres teuto-brasileiras de Blumenau. Como operárias, agricultoras, artesãs ou donas de casa, o trabalho destas mulheres foi importante para o desenvolvimento econômico do município, embora a maioria dos estudos realizados sobre a região, enfoquem apenas o trabalho dos imigrantes empreendedores do sexo masculino. Para a autora, a mulher imigrante de origem alemã:

Teve também seu papel na criação de uma identidade e diferenciação étnicas dos teuto-brasileiros frente aos outros grupos étnicos existentes na região, formando uma “cultura do trabalho”. A formação das mulheres em torno de um ideal de “boa dona de casa”, presente em muitos relatos, relaciona-se estreitamente com a já mencionada “cultura do trabalho”.<sup>39</sup>

<sup>39</sup> WOLFF, Cristina Scheibe. *Op. cit.*, p. 40.

Em Blumenau, como em boa parte do mundo, o trabalho das mulheres não se restringia à reprodução, ou seja, aos afazeres considerados domésticos, como o cuidado dos filhos, preparo de comida e manutenção da casa, embora estes fossem importante parcela de seu trabalho. Por outro lado, pelo menos até a última década do século XIX, com o advento das indústrias têxteis da região, seria bastante difícil estabelecer um limite entre o espaço doméstico e o não doméstico. Esta dificuldade se dá não apenas em relação às pequenas propriedades rurais, como também em relação ao comércio, artesanato e manufatura. A produção familiar era como uma espécie de extensão dos trabalhos domésticos, muitas vezes realizando-se no mesmo espaço. Dessa forma a mulher e os filhos constituíam-se, junto ao chefe de família, em importante força de trabalho.<sup>40</sup>

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 28.

As mulheres estavam presentes em todos os setores da economia de Blumenau como força de trabalho e, às vezes, como empresárias. Porém esta inserção no mundo do trabalho não se dava de maneira homogênea para todas as mulheres. Além da diferença entre trabalho agrícola, industrial, comercial, etc., havia também as diferenças entre o trabalho das mulheres da classe mais abastada e o trabalho de operárias e agricultoras. Quanto às mulheres ricas, embora seu trabalho se restringisse ao âmbito doméstico, elas realizavam diversas atividades, como costurar e cozinhar, além da educação dos filhos. Therese Stutzer, em carta dirigida a familiares na Alemanha, assim se expressa em relação a seu trabalho doméstico: “Assim eu mesma costuro e ajudo a economizar”.<sup>41</sup>

Verifica-se em relação a essas mulheres uma preocupação, em serem eficientes no trato doméstico, permitindo ao final garantir a própria economia da família. A Sr<sup>a</sup>. Stutzer se preocupava em formar as filhas para o trabalho, incluindo-as na lavagem de roupas e fazendo-as praticar na cozinha na confecção de bolos, pães e doces. Não fala, porém, da educação

<sup>41</sup> HUBER, Valburga (organização, tradução e introdução). *Marie Luise / Therese Stutzer. Blumenau: Cultura e Movimento*, 2002.

dos meninos, que por certo não iam para a cozinha e nem lavar roupa. Estas mulheres, porém, eram capazes de gerir os negócios da família ou delas próprias, em casos de viuvez ou de permanecerem solteiras. No caso de serem casadas, nunca aparecem nos documentos como gerentes dos negócios, tendo-se que se ler nas entrelinhas.<sup>42</sup>

<sup>42</sup> WOLFF, Cristina Scheibe. *Op. cit.*, p. 45.

A pretensa “capacidade superior de trabalho” dos teuto-brasileiros era um fator muito forte de identificação deste grupo e de diferenciação frente a outros grupos étnicos existentes na região do Vale do Itajaí. Esta valorização do trabalho como elemento de identidade étnica não surge do nada: desde o século XVIII vinha sendo feitos esforços educacionais, na própria Alemanha, no sentido de se impor à população do campo e da cidade um sistema de “virtudes burguesas”. Tal investimento foi fundamental, mais tarde, para o crescimento industrial daquele país. Esta educação para a laboriosidade e aplicação foi assim descrita:

... la educación destinada al hombre aplicado, útil, laborioso, que com su aplicación y su modestia, com su trabajo y su economía, com el amor al orden y la formalidad, es un instrumento útil de la autoridad para superar la miseria material de su situación vital. Por eso el hombre debe aprender a trabajar desde la más tierna edad y el trabajo debe convertirse para él en la ‘Segunda naturaleza’.<sup>43</sup>

<sup>43</sup> HERMANN, Ulrich. Apud WOLFF, Cristina Scheibe. *As mulheres da Colônia Blumenau – cotidiano e trabalho (1850-1900)*, São Paulo: PUC, 1991. Dissertação de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 48.

Talvez pudéssemos afirmar aqui, que a economia doméstica era a contrapartida feminina dessa laboriosidade para o trabalho.

A educação e sociabilidade das mulheres, para ter a sua eficácia, se iniciava muito cedo, sendo pautada desde a infância, pelos valores de laboriosidade e de aplicação, nesse caso aplicada ao ideal de uma “boa dona de casa”, embora fosse diferenciada segundo a classe e a sua inserção no campo ou na cidade. Este tipo de formação habilitava as moças de classes mais

abastadas a serem “boas” mães, esposas e donas-de-casa, caprichosas e econômicas, além de educadoras, como professoras ou mães. Diferentemente de outras classes sociais, onde a formação das moças significava trabalho não só doméstico no sentido estrito, mas também agrícola e/ou artesanal, desde a infância. No entanto esta formação era será também útil no trabalho industrial, tornando as operárias da região mais dóceis e aplicadas no trato do trabalho das indústrias têxteis que irão surgir na região, junto à área rural.

Na formação cultural das mulheres de Blumenau há toda uma série de mecanismos culturais e sociais que fazem com que ser uma “boa trabalhadora” seja uma necessidade para as mulheres. O primeiro destes mecanismos é a própria sobrevivência. Como dizia Minna Hering, esposa do empresário do mesmo nome, em esclarecedora carta, “cada uma deve fazer a sua parte na produção familiar” e desde cedo eram levadas a isso<sup>44</sup>. Este aprendizado das prendas domésticas dava-se ao longo da vida de menina, até a adolescência, e imbricava-se com outras atividades e mesmo com a educação escolar e religiosa, como se evidencia nesse trabalho.

Ao se reportar a um movimento geral ocorrido na Europa da Idade Moderna, chamado pelo historiador Peter Burke de “reforma da cultura popular”, em que se incluem as reformas protestantes e católicas, o historiador se reporta à “ética” ou “modo de vida” pretendido pelos reformadores:

A ética dos reformadores se fundava na decência, diligência, gravidade, modéstia, ordem, prudência, razão, autocontrole, sobriedade e frugalidade. (...) é tentador chamá-la de ética pequeno burguesa, pois viria a se tornar típica dos comerciantes. A ética dos reformadores estava em conflito com a ética tradicional mais difícil de se definir, pois tinha menos clareza de expressão, mas que envolvia uma ênfase maior nos valores da generosidade e espontaneidade e uma maior tolerância em relação à desordem.<sup>45</sup>

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 48.

<sup>45</sup> BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 237.

Os primeiros pastores evangélicos e padres católicos de Blumenau vinham da Alemanha e eram pessoas bastante cultas. Poderiam ser considerados “reformadores”, ou herdeiros destes, segundo a definição de Peter Burke. Tiveram todos uma preocupação bastante aparente com a educação, não somente religiosa, dos seus fiéis, que se concretizou em escolas como por exemplo o Colégio Santo Antônio, fundado pelo Pe. José Maria Jacobs e a “Neue Deutsche Schule” ou “Escola Nova” dirigida por longo tempo pelo pastor Hermann Faulhaber. Além disso, tiveram seu espaço no púlpito da vila e das várias localidades em que havia capelas e outras comunidades religiosas. O ensino de religião era parte integrante dos currículos escolares, mesmo das “associações escolares” do interior. Havia também a catequese, para os católicos, que preparava para a primeira comunhão e, depois, a crisma. Os adolescentes evangélicos frequentavam a doutrina preparatória para a confirmação, que a partir de 1980 levava dois anos. Para estes, quando crianças, existia também a escola dominical (enquanto os adultos ficam no culto, as crianças aprendem sobre a Bíblia).<sup>46</sup>

<sup>46</sup> WOLFF, Cristina Scheibe. *Op. cit.*, p. 77.

A igreja para os católicos e evangélicos, se constituía em um importante centro da vida social. Era o momento do encontro aos domingos, antes e após o culto ou missa. As festas religiosas, era o local onde as pessoas se divertiam. Para os protestantes era a confirmação que marcava a entrada para a vida adulta. A partir dela, podia-se freqüentar bailes e namorar, acabando-se para muitos o tempo de escola, devendo o indivíduo passar a dedicar-se inteiramente ao trabalho.

A religião luterana tinha ainda um cunho germanista bastante acentuado, que se expressava na valorização da língua alemã e num discurso que fazia “ser luterano” sinônimo de “ser germânico”. Já o clero católico, colocava em primeiro lugar a religião, o que possibilitava maior integração, inclusive através de

casamentos, entre alemães católicos, brasileiros e, a partir de sua chegada, italianos. Nesse contexto a religião, pode ser vista na formação das mulheres em Blumenau, como um reforço à formação recebida no lar e na escola, não se pode distinguir completamente que tipos de valores são religiosos ou leigos.

Vimos portanto que, em Blumenau, a educação das mulheres se dava de acordo com um ideal de “boa dona de casa” ligado a toda uma “cultura do trabalho”, embora houvesse diferenças nesta formação de acordo com o grupo social e/ou cultural a que pertenciam. Percebe-se desse modo que o luteranismo estava presente não somente através do aprendizado na família, como também das escolas femininas, na formação das mulheres.

Segundo Renaux<sup>47</sup>, entre 1800 e 1850 – ano em que foi fundada a Colônia Dr. Blumenau –, a burguesia ergueu-se como camada dominante na Alemanha. Lá sua expressão cultural iria espalhar-se gradativamente por todos os círculos das cidades e também do campo. Na história do Vale do Itajaí, ao fim das três primeiras décadas desde a fundação da Colônia Blumenau, delinearam-se traços de uma nova atividade, que lentamente passa a predominar e a marcar a cidade, embora o modelo colonial ainda não se tivesse esgotado. A agricultura em Blumenau fomentou a indústria de beneficiamento, fazendo surgir as fábricas de laticínios e salsicharia. O progresso do comércio da produção rural, por sua vez, acumula capitais, que passam a ser investidos na experiência artesanal e fabril dos imigrantes alemães, criando-se a indústria têxtil da região, responsável por sua identidade econômica.

O acúmulo crescente de riqueza e os padrões burgueses importados da Alemanha foram-se impondo também aos poucos nas cidades do Vale do Itajaí. Os teuto-brasileiros, já arraigados na região, mantinham contatos com a Europa, seja por meio de cartas aos parentes ou de visitas à Alemanha. Ademais, viajantes traziam informações, o que facilitou a

<sup>47</sup> RENAUX, Maria Luiza. *Op. cit.* p. 131.

importação dos novos padrões de conduta no seio da pequena-burguesia local do Vale.

Como reflexo desse modelo burguês de vida, surge, entre as mulheres de origem pequeno-burguesa, um tipo de mulher, cuja função passou a ser a de limpar a casa – ajudada, de tempos em tempos, por uma empregada velha e fiel –, cuidar das crianças e educá-las, cozinhar e assar, com ênfase no *Hausgebäckenen*, o *feito em casa*, incluindo os alimentos em conservas. De acordo com Renaux:

Na vida deste tipo de mulher a culinária irá desempenhar um papel fundamental, pois na ‘economia doméstica’ burguesa, tudo o que era consumido, continuava sendo produzido em casa, ter as dispensas e os porões repletos de alimentos transformara-se em novo padrão de prestígio e alcançá-lo era o mérito da esposa.<sup>48</sup>

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 194.

Esse saber desenvolvido e conservado pelas mulheres da pequena-burguesia, juntamente com aqueles desenvolvidos pelas mulheres colonas, será responsável pelo grande número de estabelecimentos comerciais, dedicados ao setor de alimentos, até hoje presente na cidade de Blumenau. Também no comércio foi o conhecimento desenvolvido e adaptado pelas mulheres que daria origem a vários estabelecimentos comerciais, incluindo-se a Confeitaria, onde o saber sofisticado das mulheres da pequena burguesia estaria presente. Desse modo, foi a mulher, em muitos casos, a responsável, direta e indiretamente, pelo sucesso econômico de suas famílias. O surgimento das Confeitarias em Blumenau data do início do século, e, através das trajetórias femininas, constatou-se que, por trás delas, sempre se encontram o saber e o trabalho da mulher.

### **As escolas de mulheres e o processo de nacionalização**

A educação das mulheres procedentes das casas burguesas de Blumenau, depois do silêncio imposto

através do processo de nacionalização, às instituições tipicamente alemãs, entre as quais as escolas luteranas, ficou a cargo dos colégios de freiras católicas, que já existiam na região, e, depois da Guerra, conduziram de melhor maneira ao nacionalismo brasileiro que tinha no catolicismo uma de suas expressões mais fortes. Prova disso é que as ordens e congregações religiosas católicas que se instalaram no sul do Brasil – os franciscanos, os padres do Sagrado Coração de Jesus, as irmãs da Divina Providência, os jesuítas, as irmãs de São José, mesmo provindo de províncias alemãs e holandesas, nem por isso irão sofrer qualquer repressão.<sup>49</sup>

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 209.

Muitas das freiras que vieram para educar a nova geração de jovens do Vale do Itajaí provinham das casas nobres européias decaídas e era essa a educação que repassavam. Sua maneira de ver as coisas tinha como ponto forte a tradição francesa na Corte, em detrimento da alemã burguesa, calcada no trabalho.<sup>50</sup>

<sup>50</sup> *Ibidem*, p. 209.

Esse tipo de formação feminina começa portanto a se modificar por volta do ano de 1940, com o início da modernização urbana de Blumenau<sup>51</sup> e com a Campanha de nacionalização promovida pelo Estado brasileiro, que temia o isolacionismo étnico dos imigrantes numa única região, vendo aí o perigo de enquistamentos étnicos e a difusão de idéias nazistas.<sup>52</sup>

<sup>51</sup> CARESIAS, Roberto Marcelo. Blumenau e a modernização urbana: alterando costumes (1940-1960). In: FERREIRA, Cristina & Frotscher, Méri (Org.). *Visões do Vale: perspectivas historiográficas*. Blumenau: Nova Letra, 2000, p.132.

Em decorrência da política brasileira dos anos 1930 e 40, empreendida pelo governo de Getúlio Vargas, e com a intensificação da Segunda Guerra Mundial e seus reflexos no Brasil, em 1941 foram proibidas quaisquer atividades dessas sociedades, que, com o tempo, foram tornando-se inúmeras, chegando a cinquenta e oito. O fechamento delas, assim como a proibição do uso da língua e a introdução do ensino em português promoveram a alteração da estrutura cultural e social da região. Com o término da guerra, algumas associações voltaram a funcionar, agora como Clubes, porém sem as características que possuíam, ainda que se mantivessem algumas das práticas antigas.<sup>53</sup>

<sup>52</sup> MAGALHÃES, Marionilde Brepohl. *Pangermanismo e Nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1988, p. 133.

<sup>53</sup> PETRY, Sueli. *Os Clubes de Caça e Tiro da região de Blumenau*. Blumenau: FURB/Fundação Casa Dr. Blumenau, 1982, p. 89.

<sup>54</sup> CARESIAS, Roberto  
Marcelo. *Op. cit.*, p. 176.

Para Caresia<sup>54</sup>, a política estadonovista de Vargas, procurando assimilar os “elementos estrangeiros” do Vale do Itajaí, tratou de ligar Blumenau aos demais centros do Estado e, conseqüentemente, ao país, através das vias de comunicação como pontes, estradas e rodovias, facilitando não só o acesso das pessoas, mas também o fluxo de mercadorias destinadas a abastecer a população – mercadorias estas oriundas, em parte, dos Estados Unidos ou de suas filiais brasileiras, as quais traziam, em sua publicidade, uma representação do moderno, do novo, do atual, tendo em seu bojo um discurso de superioridade tecnológica e científica em relação aos produtos europeus. Com esse estímulo ao consumo, aos poucos os hábitos alimentares também começaram a se modificar, a partir da aceitação de produtos cotidianos como o chiclete e a Coca-Cola.<sup>55</sup>

<sup>55</sup> *Idem*, p.133 .

Na música, o rádio impôs o *jazz* e o *swing*; o cinema, os padrões de beleza e de moral. As empresas de publicidade que se instalaram no Brasil – J. W. Thompson, em 1930; McCann-Erikson, em 1935; Grant, em 1941, entre outras – começaram a influir na opinião dos jornais e a criar, com seus anúncios, novas necessidades de consumo<sup>56</sup>

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 176.

Já em 1946, a modernidade e a tecnologia doméstica chegavam a Blumenau através da *Casa do Americano*, loja do estadunidense John Freshel, residente na cidade, que, além de vender desde a década de 1930 os rádios RCA Victor e veículos da marca *Opel*, passa a vender também a última novidade em utilidade doméstica: a geladeira *Frigidaire*.<sup>57</sup>

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 176.

## Referências

Blumenau em *Cadernos*, n. 05-06, maio/jun., 2001, p. 48.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARESIAS, Roberto Marcelo. Blumenau e a modernização urbana: alterando costumes(1940-1960). In: FERREIRA, Cristina & FROTSCHER, Méri (Org.) *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000.

Fragments de nossa história local. In: *Blumenau em Cadernos*, Tomo XLII, n.5/6, maio/jun. – 2001.

HERMANN, Ulrich. Apud WOLFF, Cristina Scheibe. *As mulheres da Colônia Blumenau – cotidiano e trabalho (1850-1900)*. Dissertação de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo:PUC, 1991.

HUBER, Valburga (organização, tradução e introdução). *Marie Luise/Therese Stutzer. Blumenau: Cultura e Movimento*, 2002.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl. *Pangermanismo e Nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*.Pensionato evangélico de moças-estatuto da escola de parteiras de Blumenau. PETRY, Sueli. Os Clubes de Caça e Tiro da região de Blumenau. *Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau*, 1982.

PISKE. P. In: Meinrad (Org). *Centenário Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau: 1907-2007*. Blumenau: O Kuhr, 2007, p. 28.

RENAUX, Maria Luiza. *O papel da mulher no Vale do Itajaí: 1850–1950*. Blumenau: Editora da FURB, 1995.

WOLFF, Cristina Scheibe. *As mulheres da Colônia Blumenau – cotidiano e trabalho (1850-1900)*, São Paulo: PUC, 1991. Dissertação de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.